

O IMAGINÁRIO DO POEMA “AS BELAS MENINAS PARDAS” DE ALDA LARA (ANGOLA)

**Dalila Caldeira Ribeiro^{1*} (IC - dalilacaldeiraribeiro1@gmail.com), Zilda Dourado Pinheiro¹
(PO/UEG)**

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435,
Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: este trabalho tem o objetivo de analisar o imaginário do poema “As belas meninas pardas” de Alda Lara, na perspectiva da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2002). De acordo com Durand (2002), o imaginário é um conjunto de imagens e de suas relações que compõem o psiquismo humanos em seus elementos biológicos, psicológicos e sociais. O imaginário é dinamizado pela imaginação, definida como uma faculdade de assimilar, de reproduzir, de operacionalizar e de criar imagens. No psiquismo humano, o imaginário estrutura-se em dois regimes: o diurno e o noturno. O regime diurno é da estrutura heroica, relacionada às imagens de luta contra o mal, de poder, de autoridade e de luminosidade. O regime noturno é o da estrutura sintética e o da estrutura mística, relacionadas às imagens de eufemização, de intimidade, de miniaturização, de introspecção e de ciclicidade. O conjunto dessas imagens cria uma narrativa denominada por Durand (2002) de mito. Essas imagens materializam-se em símbolos presentes nas diferentes obras da nossa cultura, uma dessas materialidades são as metáforas, presentes na linguagem verbal. Assim sendo, o estudo do imaginário exige o levantamento dos verbos e dos substantivos que direcionam para as metáforas e para os símbolos de um texto. Após esse levantamento, analisa-se a relação de sentido entre as imagens e identifica-se qual é o mito diretivo dessa obra. Desse modo, este estudo detectou a presença dos símbolos relacionados com antítese do regime diurno, configurando o mito da mulher ideal no poema “As belas meninas pardas” de Alda Lara (Angola).

Palavras-chave: Imaginário. Literaturas africana de língua portuguesa. Alda Lara. Angola

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica (doravante IC), em andamento, na modalidade PVIC – UEG (2023-2024), intitulada de “Estratégias de leitura e de interpretação de poesia para clubes de leitura on-line”. Esse trabalho está vinculado ao seguinte projeto de pesquisa: “Práticas de formação de leitoras das Literaturas de Língua Portuguesa mediadas por tecnologias”. Desse modo, um dos objetivos dessa pesquisa de IC é o de elaborar um roteiro de leitura para clubes de leitura on-line. Portanto, dentro dessa proposta, o objetivo desse trabalho é o de analisar o imaginário do poema “As belas meninas pardas” de Alda Lara.

Segundo Tania Macedo (2010), Alda Lara foi a pioneira na poesia de Angola no início do século XX, especificamente nas décadas de 1940 e 1950. A sua poética apresenta forte engajamento político na luta pela independência de Angola e alguns poucos temas relacionados com o feminino. Ainda assim, vale destacar o trabalho

dessa poetisa devido ao protagonismo em um meio social onde as mulheres pouco tinham acesso à instrução formal e à produção literária.

Desse modo, esse estudo analisa o imaginário do poema “As belas meninas pardas”, na perspectiva da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2002). Essa teoria surgiu na década de 1960, com o objetivo de estudar as motivações simbólicas do ser humano. Dessa maneira, Durand (2002) defende a tese de que o imaginário é o modo de uma pessoa existir no mundo em seus símbolos, configurando o ser humano como um ser simbólico, a partir da sua comunicação baseada pelas metáforas.

As metáforas compõem a nossa linguagem figurativa. Esta é um modo de comunidade indireta, pois há um sentido oculto expresso pela palavra, em que se define um elemento A por um elemento B. Essa significação metafórica provém da nossa capacidade de criar símbolos, logo, da nossa imaginação, a partir da organização do nosso imaginário.

Durand (2002) define a imaginação como uma faculdade de assimilar, reproduzir, criar, operacionalizar imagens. O modo como essas imagens estão organizadas em nosso psiquismo é o imaginário. Todo indivíduo expressa-se no mundo a partir do seu imaginário, operacionalizando pela imaginação, a partir da interação com o meio natural, cósmico e social. Essa interação é denominada de Trajeto Antropológico, trata-se da “[...] *a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico social*” (DURAND, 2002, p. 41).

O imaginário é essa incessante troca de imagens, de símbolos, entre o indivíduo e seu meio, ao nível do psiquismo. Além disso, o ser humano expressa o seu imaginário em suas obras culturais, por isso é possível analisar os símbolos presentes em todas as produções da cultura. Logo, o imaginário pode ser analisado em duas perspectivas: individual e coletiva.

Na perspectiva individual, a análise centraliza-se na estrutura do imaginário no psiquismo humano. De acordo com o Durand (2002), baseado na reflexologia de Betcherev, o imaginário humano é sustentado por três reflexos dominantes: a dominante postural – da verticalidade; a dominante copulativa – da sexualidade e a dominante digestiva – da nutrição. Esses três reflexos dominantes estão ligados aos arquétipos, tal como definiu a Psicologia Analítica de Jung, como as imagens

universais do inconsciente coletivo. Os reflexos dominantes e os arquétipos permitem o agrupamento das imagens em dois regimes: o diurno e o noturno.

O regime diurno é o da dominante postural, da verticalidade, relacionada com a nossa percepção de alto/baixo; de lateralidade, de poder. Esse regime agrupa a estrutura heroica, do arquétipo do herói, a partir das imagens de luta contra o mal. Também agrupa as imagens de autoridade, de poder, de luminosidade. Por fim, no regime diurno estão as imagens que eufemizam o mal, simbolizado por símbolos ligados aos animais assustadores, à noite das trevas e à queda moral.

Já o regime noturno configura-se pelas dominantes copulativa e digestiva, relacionadas com a nossa percepção de ritmo, de ciclo, de nutrição e de introspecção. Esse regime agrupa as estruturas sintética e mística, que agrupam as imagens de intimidade, de miniaturização, de sexualidade, de ciclo, e de introspecção. Nesse regime estão as imagens que permitem a vivência com a natureza, com a criatividade e com a afetividade.

Durand (2002) afirma que o agrupamento dos símbolos e dos arquétipos constroem uma narrativa fundamental, denominada de mito. O mito é uma narrativa simbólica e arquetipal que subjaz uma obra cultural. O estudo do mito permite a compreensão do imaginário de uma obra e de sua cultura.

O estudo do mito é a perspectiva coletiva de estudo do imaginário, já que é possível analisar os símbolos e os arquétipos presentes nas obras de uma sociedade de uma determinada época. Com base nisso, Durand (1996) criou um método de estudo dos mitos, divididos em dois procedimentos: o da mitocrítica e o da mitanálise. A mitocrítica estuda o mito diretivo de uma obra qualquer, por exemplo: texto literário, música, filme, propaganda, paisagem, arquitetura, etc. Já a mitanálise estuda o mito diretivo de uma sociedade em determinado espaço de tempo, a partir da análise das obras produzidas nesse período, por isso a mitocrítica precede a mitanálise.

Dentro desse arcabouço teórico e metodológico, o presente trabalho realizou o estudo do imaginário e a mitocrítica do poema “As belas meninas pardas” de Alda Lara, como apresentado a seguir.

Considerações Metodológicas

Segundo Durand (2002), as imagens são símbolos. Estes estão materializados na linguagem verbal por meio das metáforas. Assim, para se estudar o imaginário de uma obra faz-se necessário um levantamento dos verbos e dos substantivos do texto, de modo a alcançar as metáforas e os símbolos. Com base nesse levantamento é possível indicar qual é o regime do imaginário predominante no texto.

Após a indicação do regime, Durand (1996) mostra que a repetição de certos símbolos configura um mitema, um traço de uma narrativa presente no discurso da obra. O conjunto desses mitemas constroem uma narrativa mítica, isto é, o mito diretivo da obra.

Resultados e Discussão

O poema “As Belas Meninas Pardas”, de Alda Lara, é composto por cinco estrofes, sendo a primeira e a última de quatro versos, e as demais de oito versos. O poema segue uma métrica regular de sete sílabas poéticas em cada verso, e apresenta rimas cruzadas nas estrofes pares (abab) e emparelhadas nas estrofes ímpares (aabb).

No poema de Alda Ferreira, podemos perceber que a autora critica a opressão que domina a vida das belas meninas pardas, que são as moças angolanas colonizadas pelos portugueses. Elas são educadas para serem obedientes, recatadas, estudiosas e conformadas com o seu destino de esposas e mães submissas. Elas não têm acesso à fonte de sua criatividade, liberdade, alegria e rebeldia. Elas não conhecem o sabor de uma gargalhada, nem a beleza da lua sobre o rio. Elas não se interessam pelas outras vidas, outras raças, outros mundos que existem além do seu horizonte limitado. Elas não têm consciência da sua identidade africana, nem dos seus direitos como seres humanos.

A autora usa uma linguagem simples, mas irônica, para contrastar as belas meninas pardas com as demais meninas que vivem em outras condições históricas e culturais. Ela usa repetições, paralelismos e antíteses para enfatizar as diferenças entre elas. Por exemplo, ela repete as expressões “*são belas como as demais*”, “*sabem muito escolarmente*”, “*sabem pouco humanamente*” e “*que importam*” para mostrar como as belas meninas pardas são alienadas e conformistas. Ela também usa paralelismos como “*iguais por serem meninas*”, “*pardas por serem iguais*”, “*não*

são alegres nem tristes”, “são apenas como são todos os dias” e “que o resto traz desenganos” para indicar a falta de individualidade e de emoção das protagonistas. Além disso, ela usa antíteses como “*estudam muito*”.

Com base nesses versos, observa-se um discurso de antítese, típico do regime diurno das imagens. Durand (2002) afirma que nesse regime está o arquétipo do rei, da autoridade máxima masculina, simbolizando o patriarcado. Esse sentido arquetipal aparece no poema configurando um mito de mulher ideal, submetido ao poder masculino, sem acesso às profundezas de sua feminilidade, de sua afetividade e de sua criatividade. O mito da mulher ideal define o papel social e o comportamento esperado das mulheres em uma sociedade patriarcal e machista. Esse mito valoriza as mulheres que são obedientes, recatadas, estudiosas, direitinhas, apumadas, decentes e boas mães de família. Esse mito desvaloriza as mulheres que são rebeldes, livres, sonhadoras, alegres, criativas e independentes. Esse mito é criticado pela autora quando ela contrasta as belas meninas pardas com as demais meninas que vivem em outras condições históricas e culturais.

Considerações Finais

Este trabalho analisou o imaginário do poema “As belas meninas pardas” de Alda Lara (Angola). Essa primeira análise demonstrou a predominância do regime diurno no poema e a configuração do mito da mulher ideal. Esse estudo é o início da produção de um roteiro de leitura de poema.

A elaboração de roteiro de leitura direciona-se para o trabalho com Clubes de Leitura on-line, com o fito de auxiliar os participantes a interpretarem os textos literários. Assim, esse auxílio pode sanar algumas dificuldades de interpretação de texto que alguns participantes apresentam nas reuniões dos referidos clubes.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer ao Centro de Idiomas e ao LABEL – Laboratório de estudos da linguagem pelo suporte material e técnico para a realização das pesquisas do curso de Letras.

Referências



DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LARA, Alda. As belas meninas pardas. In: _____. **Poemas**. 4. ed. Porto: Vertente, 1979, p.31

MACEDO, Tânia. **Da voz silenciada à consciência subalternizada: a Literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa**. Revista Mulemba: v.2, n.2, 2010, p. 4-13. Disponível em: < [DA VOZ QUASE SILENCIADA À CONSCIÊNCIA DA SUBALTERNIDADE: A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA | Macedo | Mulemba \(ufrj.br\)](#) > . Acesso em 06.nov.2023